



Roteiros

13. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro

Reflexões sobre a Comunidade Luso-Brasileira

por **ADRIANO MOREIRA**

A partir do fim da segunda guerra mundial, a interdependência cresceu de tal modo em complexidade que já não é possível a nenhum Estado assumir viavelmente o projecto da suficiência e do isolamento: Cuba é nesta data o exemp'lo, dispensável, do sacrificio de um povo pelo ideologismo de um sistema desligado da realidade.

Por isso, e com excepção de talvez apenas cinco Estados, todos devem ser considerados em relação ou com grandes potências directoras, ou integrações num conjunto geopolítico.

Deve lembrar-se que a definição de um conjunto geopolítico de Estados é operacional, e que se trata de os agrupar em função de afinidades relevantes, designadamente a posição na escala do desenvolvimento, a identidade cultural e religiosa. Indispensável é que o conjunto revele uma teia de relações unificadoras, sem que esse facto signifique necessariamente que se trata de relações não conflituosas. As relações podem ser consentidas ou impostas, e podem resultar de várias causas, designadamente a proximidade física, ameaças comuns, interesses convergentes, padrões culturais compartilhados.

Em obediência ao globalismo característico da conjuntura, as relações dos conjuntos geopolíticos, e de cada um dos Estados que não perdem a individualidade dentro do grupo, precisam ainda de ser avaliadas a nível planetário, em convergência na direcção de pólos de consistência federadora variável, que são os Estados da Europa ocidental, os Estados Unidos da América, o Japão, a União Soviética. Cada um destes pólos tende hoje para

traçar uma zona de influência na direcção norte-sul, como acontece com os EUA em relação à América Latina, com o Japão em relação à Ásia, com a Europa em relação à África, com a URSS em relação à Indochina.

É provável que a URSS, os EUA, a China, o Brasil e o Canadá, pela sua dimensão, recursos e situação geográfica, possam ser considerações, cada um deles, como um conjunto geopolítico, e assim tem acontecido com algumas análises.

A especificidade do Brasil resulta em primeiro lugar da sua própria geopolítica interna, abrangente de uma superfície de 8.511.000 quilómetros quadrados, tendo fronteiras com todos os países sul-americanos, exceptuando apenas o Chile e o Equador.

Neste território, vivem 145 milhões de habitantes, com uma taxa de natalidade de 29 por 1000, divididos em cerca de metade brancos de origem europeia, 10 % de negros e menos de 2 % de índios, sendo o vasto resto composto de várias mestiçagens, e acontecendo que 73 % das pessoas está urbanizada e vive sobretudo nas grandes cidades marítimas.

Esta vastidão, em cujo mapa humano se destacam a miscigenação secular, o uso da língua portuguesa, e o predomínio do catolicismo concorrente com uma pluralíssima diversidade de outros cultos, apresenta-se como uma unidade que tende algumas vezes para o isolamento do resto do continente, facto para o qual contribuíram factores geográficos importantes: a Amazónia que hoje preocupa o mundo, e os

(Continua nas páginas centrais)

ANGOLA:

cinco séculos de cristianismo

A Igreja de Angola encerrou em Outubro passado as solenes comemorações que marcaram os 5 séculos de evangelização. Num gesto simpático e altamente simbólico, quiseram associar-se à celebração dos 5 Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas a decorrer em Portugal, organizando uma peregrinação ao nosso país que atingiu o ponto mais alto em Fátima na solene peregrinação de 13 de Maio, que contou com a presença do Papa.

Respondendo a este gesto, também um grupo de portugueses se deslocou a Luanda para estar presente em data tão significativa para nós e os angolanos, como foi recordar o início da evangelização que aproximou os dois povos tanto religiosa como culturalmente, a ponto destas comemorações serem também pretexto para estreitar laços que a história tecu ao longo de séculos de convívio.

O Cardeal Nascimento, arcebispo de Luanda, foi bem explícito quando se referiu a este relacionamento luso-angolano na missa dos Jerónimos, a 19 de Maio: «O convívio secular dos Angolanos e dos Portugueses não se pautou exclusiva nem mormente por interesses económicos e de imposição ideológica. Houve profundo encontro de almas e interpenetração de culturas. A nossa presença aqui significa que superámos cristamente possíveis ressentimentos, significa que nos vemos suficientemente seguros dos nossos destinos de Povos soberanos, para irmamente entrar cada vez mais numa profunda colaboração leal e respeitosa.»

E o Cardeal-Patriarca, como enviado especial do Papa, reafirmou ao chegar a Luanda: «Angola — Angola cristã — é a par do Brasil, a pérola mais cintilante da preciosa coroa missionária que Portugal começou a tecer pelo mundo, faz agora quinhentos anos.»

A Festa Nacional

Eram muitas dezenas de milhares de católicos em festa no Estádio da Cidadela para o encerramento da Semana Nacional comemorativa dos 500 anos de evangelização em Angola. Presidia o Cardeal-Patriarca de Lisboa como enviado especial do Papa, tendo ao lado D. Alexandre do Nascimento, Cardeal de Luanda, a figura maior duma hierarquia que soube conduzir o Povo de Deus com dedi-

cação e até heroísmo nos tempos difíceis como foram os últimos anos.

Houve palmas para a presença do Presidente Eduardo dos Santos e aplausos também para a mensagem de Cavaco Silva, lida no fim da cerimónia.

O delegado papal não deixou nunca de exaltar o testemunho desta igreja-irmã e animá-la a prosseguir no seu papel de «sal da terra e luz do mundo», sobretudo através da promoção da «concordia, fraternidade e a paz entre todos». Aliás, este foi o *leit motiv* do discurso de D. António Ribeiro ao longo destes dias. Na cerimónia de encerramento exortou solenemente: «Não se levantem nunca mais, sobre terras angolanas, os gritos de guerra e os clamores da destruição e da morte fratricida.»

A presença do Presidente da República de Angola na cerimónia é bem o sinal, de que se vivem tempos novos, não apenas a nível político: a marxização foi abandonada, as relações Igreja-Estado são excelentes, foi cedido para o Simpósio o Palácio 10 de Dezembro (reservado até aí às reuniões do Comité Central), o que levou o Cardeal de Luanda a referir-se ironicamente ao facto: «Só o estarmos aqui é já muito significativo.»

A História

Diogo Cão chega à foz do Zaire em 3 de Abril de 1482 e aí levanta o padrão de S. Jorge. A 29 de Março de 1491, a pedido do rei do Congo, chegam os primeiros missionários que fazem os primeiros baptismos no dia de Páscoa, 3 de Abril, estando entre estes o próprio rei do Congo com a família (*).

Embora em 1596 tenha sido criada a diocese mais antiga, denominada de «Congo e Angola», o catolicismo nesta fase da primeira evangelização teve de enfrentar inúmeras dificuldades decorrentes de condicionalismos políticos.

Só no início deste século, Portugal consegue controlar efectivamente todo o território e, paralelamente, é neste momento que se inicia a segunda evangelização, uma verdadeira história de sucesso que tem como agentes princi-

país os Missionários do Espírito Santo. Já com milhão e meio de membros em 1960, atinge os 3 milhões em 1975 e chega hoje aos 5 milhões, isto é, metade da população angolana, a maior percentagem dos países da África Austral.

A sua acção não se reduziu ao campo meramente espiritual. Das suas escolas e seminários saíram as *élites* e quadros que haviam de conduzir Angola à independência. Aliás, um fenómeno que se verificou em toda a África a sul do Sara, como sublinha o historiador africano Josef Ki-Zerbo.

No Simpósio, que decorreu em Luanda, fez-se o balanço destes anos todos. E se um dos conferencistas considerou negativa globalmente a primeira evangelização, a maioria, com os bispos à cabeça, não deixou de sublinhar que «os missionários deixaram bem impressos os sinais evidentes da sua generosidade, dedicação e fé». E o P. Bongo, nestes anos passados a dirigir a comunidade católica da Jamba, rematou: «Se a primeira evangelização falhou, então estamos todos falhados, a começar pelos Bispos e Cardeais.»

O Simpósio

A Igreja Angolana não deixou que esta data se ficasse por meras celebrações sem consequências práticas do ponto de vista pastoral e programático, perdendo uma ocasião excepcional para uma análise retrospectiva, nos aspectos positivos e negativos, ou projectando o futuro apontando prioridades.

Sob o título genérico «A Evangelização de Angola: Ontem, Hoje e Amanhã», o Simpósio reuniu mais de 500 especialistas e participantes, entre leigos, membros do clero e religiosos angolanos e estrangeiros.

O Cardeal de Luanda, tendo ao lado o seu homólogo do Maputo, D. Alexandre dos Santos, presidiu aos trabalhos e começou por tentar fazer uma contextualização histórica da chegada dos primeiros missionários a Angola e fez salientar a dimensão social da evangelização onde, ao lado de cada igreja, surgia logo uma escola e uma oficina. Por sua vez, o Cardeal moçambicano não deixou de recordar os malefícios do marxismo-leninismo em Angola como na sua própria pátria, que continua a ser martirizada com uma selvagem guerra civil.

Por sua vez o Padre Jerónimo Cahinga preveniu contra qualquer tentação de triunfalismo, aconselhando a aproveitar a oportunidade para uma pesquisa cuidada em ordem a apontar as ideias-força da Nova Evangelização,

tendo subjacente uma autêntica inculturação pois «é a partir do homem angolano no seu estado actual que o Evangelho deve ser proposto. Tal implica o conhecimento da sua situação socio-política-económica, o respeito pelo seu ambiente cultural e o exercício fraterno da justiça».

Feito um balanço objectivo da evangelização, concluiu-se que os aspectos positivos foram dominantes, sublinhando o empenho de tantos missionários, homens e mulheres, corajosos e dedicados, que tentaram penetrar no pensamento e mentalidade do homem angolano, estudando as línguas dos vários grupos étnicos, publicando catecismos, traduzindo bíblias, imprimindo gramáticas e dicionários. No campo social, a contribuição da Igreja foi fundamental na escolarização e educação, nos cuidados primários de saúde, bem como na abertura de creches e assistência à maternidade.

As Prioridades

Como uma Igreja cada vez mais adulta, há a preocupação de tornar a mensagem evangélica cada dia mais credível aos angolanos, através duma reflexão teológica séria e aprofundada, revestida de originalidade e características próprias, pois «a teologia nasce do diálogo da fé com as culturas e a vida dos povos».

A inculturação, aqui como no resto do continente, foi sentida como uma das prioridades pastorais. Neste sentido, Frei João Domingos denunciou a dependência cultural e religiosa, que pode juntar-se à dependência económica e política dos povos evangelizados aos evangelizadores. Exemplificou: «O resultado foi que temos dioceses com Bispos, Padres... mas com identidade pouco africana, com muitas dependências, reproduções das Igrejas estrangeiras mais do que Igrejas tipicamente africanas».

Uma nova proposta pastoral ganhou corpo com a «teologia da reconciliação». Num país que atravessou uma longa e cruel guerra civil, com ódios e ressentimentos acumulados, é urgente a Igreja assumir o seu papel de sacramento de unidade e reconciliação, condição essencial para que o processo de paz em curso se consolide e chegue a bom termo.

Na mesa do diálogo apareceram algumas outras urgências pastorais que, paralelamente, devem também nortear a acção da Igreja: injustiças sociais, famílias divididas, juventude sem referências morais, crianças abandonadas, analfabetismo, mutilados, refugiados...

Na linha da Doutrina Social da Igreja, houve a coragem de apontar como estratégia prioritária a luta pela

SUA SANTIDADE EM NOVA VISITA AO BRASIL

De 12 a 21 de Outubro último, pela segunda vez em onze anos, Sua Santidade o Papa João Paulo II visitou o Brasil. Sendo a maior nação católica do mundo, é natural o interesse do Santo Padre em levar a sua acção apostólica directa ao povo brasileiro que já o acolhera tão entusiástica e calorosamente em 1980. Foi a 53.ª viagem apostólica de João de Deus — como carinhosamente o chamou um grande órgão da imprensa brasileira — ao mundo, a cerca de 500 cidades e lugares nas mais variadas latitudes do planeta. Na primeira missão, o encontro com as populações das grandes cidades brasileiras — Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Belém, Fortaleza, Manaus e outras. Desta feita, Brasília, Natal, São Luís do Maranhão, Goiânia, Cuiabá, Campo Grande, Florianópolis, Vitória do Espírito Santo, Maceió e Salvador, como ponto de partida para a volta a Roma. Várias dezenas de milhões de pessoas no Brasil satisfizeram a emoção íntima de ver o Papa e cumpriram seus deveres de irmãos na fé de receber as bênçãos e a mensagem de Cristo, vindas dos lábios de João Paulo II. País de imensas potencialidades humanas e materiais, há no Brasil extrema necessidade de renovar a vida religiosa e inserir vastos segmentos de suas populações, mormente das grandes cidades, no fervor da fé católica e do espírito da palavra de Cristo que oferece conforto e guia seguro para o homem moderno em todas as situações de sua existência.

No seu periplo pelo Brasil, o Santo Padre concitou de forma eloquente os brasileiros a reflectirem sobre a riqueza doutrinal cristã e a trajectória a seguir no caminho da descoberta da revitalização espiritual. João Paulo II teve contacto com todas as camadas das populações brasileiras, com o Governo, que o recebeu no ponto de chegada ao território brasileiro como o despediu na sua partida, com o povo na rua, com o clero, com os leigos, com enfermos, com os silvícolas, com os jovens. A todos a palavra certa, a luz de Cristo, a bênção do bom Pastor. Na cidade de Natal, o apelo à «atenção e à solidariedade para com os menos favorecidos, os que mais carecem de apoio, para que desapareçam as perversas desigualdades económicas que trazem consigo intoleráveis discriminações individuais e sociais». E na mesma cidade, na Santa Missa para o encerramento do XII Congresso Eucarístico Nacional: «Assim como o corpo humano tem necessariamente fome de pão e sede de água, para não cair na exaustão, o espírito humano, criado à imagem e semelhança de Deus, tem sede de Deus — *minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo*, salmos 41/42, 2.» A esta severa advertência: «Hoje, quando a vocação cristã de milhões de almas se vê ameaçada pelo perigo das seitas, pela violência de todo o tipo — incluindo-se aquela gerada pelo tráfico de entorpecentes — pelo consumismo e pelas campanhas anti-natalistas, para não citar outros motivos, faz-se urgente um brado vigoroso de retorno aos valores morais

e culturais da tradição cristã». Em São Luís do Maranhão, o Papa assinalou que «os dados estão indicando uma leve melhoria na distribuição da terra no Brasil. Mas também é certo que falta ainda muito para que se possa falar de uma justa distribuição da terra no Brasil». Não se referia o Sumo Pontífice à posse dos meios de produção, reconhecendo que a economia de escala é uma exigência dos nossos dias. Mas é preciso «distribuir as propriedades insuficientemente cultivadas por aqueles que as podem tornar rendosas».

Em Brasília, agradecendo o bom acolhimento do Presidente Collor, o Papa João Paulo II acentuou que «os objectivos, o da Igreja, na sua missão exclusivamente religiosa e espiritual, e do Estado, visando o bem comum de cada homem, são certamente distintos. No entanto, confluem num ponto de convergência: o homem e o bem da Pátria». E também, aludindo à convergência de um entendimento respeitoso e à independência mútua entre o Estado e a Igreja dentro do princípio de melhor servir ao homem numa concepção cristã, considerou de particular significado palavras do Presidente Collor, em Abril deste ano, pelas quais conclamou a nação «para o esforço em compartilhar as responsabilidades» para vencer a crise e as desigualdades que afligem a grande maioria dos brasileiros. No exercício da Sua missão «exclusivamente espiritual», e certo de não se afastar do Seu escopo pastoral, João Paulo II disse que pedía a Deus para que iluminasse o Presidente da República na árdua missão da defesa dos valores espirituais e morais do Brasil.

Em Goiânia, cidade com apenas 55 anos de existência e já com uma população de um milhão de habitantes, o Santo Padre evocou as marcas profundas deixadas em vastas extensões dos sertões goianos pelo zelo apostólico de dominicanos, redentoristas e franciscanos, e tantos outros pastores. Quis lembrar que a união íntima do fiel com o seu Salvador, bem como a unidade dos fiéis entre si, constituem o fruto indivisível da participação fecunda na Igreja e transformam toda a existência dos cristãos em «culto espiritual». Daí surge a dimensão comunitária da Igreja.

Em Cuiabá, no Mato Grosso, o Sucessor de Pedro «referiu aos problemas das migrações e da ecologia. Manifestou perfeitamente conhecer os graves aspectos sociais do homem que vem de outros Estados, e até do exterior, em busca de melhores condições de vida e de trabalho numa região, portal da Amazônia, que aparece como meta de tantas pessoas de variadas partes do Brasil. Essas migrações descontroladas resultam às vezes em problemas agravados, sobretudo para as crianças. Quanto aos problemas ambientais do Pantanal matogrossense, salientou o Papa que a protecção ambiental é antes de mais nada o direito e a protecção à vida. Disse acompanhar com

muito interesse os trabalhos preparatórios da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento, que se realizará no Rio de Janeiro, em Junho de 1992. Aos representantes dos silvícolas: «Para Deus só há uma raça, a dos homens chamados a serem seus filhos. Diante do Criador todos os homens têm o mesmo valor e uma imensa dignidade.» Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul: «Nenhuma pessoa é um verso solto. Fazemos parte do mesmo poema divino.» A essência da comunidade eclesial reside na família cristã respeitada e estável.

Em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, ao sul do Brasil, Sua Santidade beatificou Adolph Kolping, cuja vida e ensinamento «são forte convite à Igreja a prosseguir na construção de um mundo mais justo e fraterno onde todo homem encontre um lugar conveniente à sua dignidade». Adolph Kolping nasceu e faleceu na Alemanha no século passado. Sendo Santa Catarina um Estado brasileiro com grande número de descendentes de alemães, o anúncio e o acto da beatificação de Adolph Kolping motivou sensível interesse dos catarinenses. Também particularmente comoveu Santa Catarina a beatificação de Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, fundadora da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, legítima representante em Cristo do povo catarinense.

Em Vitória, no Estado do Espírito Santo, o Papa falou perante mais de cem mil habitantes da Favela do Lixão de São Pedro: «A Igreja não pode ficar calada quando vê, nos pobres, os sinais da civilização do egoísmo.» Em Maceió, capital do Estado nordestino de Alagoas, o Vigário de Cristo abordou temas sociais de actualidade, contando dentre seus ouvintes com o Presidente Fernando Collor, natural de Alagoas, que para o acto se deslocou especialmente. Dentre os grandes desafios a vencer, mencionou o êxodo rural para as grandes cidades, com o aumento assustador das favelas e a conseqüente degradação da vida, que fere o espírito cristão. Insistiu no tema da Campanha da Fraternidade proposto pelo Episcopado brasileiro para 1991: *Solidariedade na dignidade do trabalho*.

Despedindo-se do Brasil, em Salvador, Baía, o Papa João Paulo II foi acolhido por trinta mil crianças, reunidas diante da Basílica do Senhor do Bonfim, às quais disse: «No mundo não pode nem deve haver crianças abandonadas, exploradas, utilizadas, assassinadas.» Aos representantes do mundo da cultura: «A evangelização da cultura deve realizar-se em conexão com a promoção humana, sem limites ou ambigüidades.» O encontro se deu na Catedral de Salvador, dedicada a São Francisco Xavier, igreja construída segundo o modelo do templo barroco da Companhia de Jesus, em Coimbra. Ao final da sua viagem apostólica, no aeroporto de Salvador, diante do Doutor Francisco Rezek, Ministro das Relações Exteriores e em representação especial do Presidente Fernando Collor, e do Governador António Carlos Magalhães, disse o Papa: «Meu agradecimento, enfim, a esse povo brasileiro tão cordial e hospitaleiro, cuja inesquecível acolhida nas várias capitais de Estado por onde passei, dificilmente se

apagará da minha memória. A toda esta constelação de raças e de culturas, que fazem um só povo, irmanado por um único objectivo que é o de fazer do Brasil uma Nação grande e próspera, desejo dizer a alegria que me causou o seu calor humano, seu entusiasmo, seu carinho pelo Papa.» Agradeceu especialmente aos membros do Governo e ao Episcopado brasileiro as atenções e a acolhida que lhe foi dispensada ao longo de toda a viagem apostólica. «Que nesta Terra de Santa Cruz reine a paz inspirada pela justiça e pela solidariedade». A saudação do Ministro Francisco Rezek não podia ser mais calorosa e entusiástica: «O Santo Padre permanece, como sempre esteve, preso de coração e espírito ao Brasil, interessado em nosso destino, preocupado com nossos problemas, feliz com nossos êxitos. Deus há-de permitir que volte ainda para ver-nos mais adiantados na tarefa de construir, em definitivo, o País que desejamos e acreditamos merecer.»

A palavra do Sumo Pontífice, com Sua presença santificadora, foi alegremente recebida pela nação brasileira, ansiosa de Sua bênção, bênção que vem de Deus por intercessão de Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe.

Dário Moreira de Castro Alves ()*

(*) Embaixador brasileiro aposentado, residente em Portugal.



HOTEL ROMA

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 18586 P
TELEFONE 78 77 61 (10 LINHAS)

EM FÁTIMA:

HOTEL SANTA MARIA

Rua de Santo António
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43108

HOTEL DOM JOSÉ

Av. D. José Alves Correia da Silva
Telefs. (049) 52215/52225 — Telex 43279

Autobiografia ou, "De como as coisas sucedem no Brasil"

Quando, pelos fins de 58, falava com o Desembargador Henrique Fontes, o homem que, por seu claro pensar e por sua obstinada vontade, deu o impulso e a primeira guia para que houvesse em Santa Catarina ensino superior, hoje de tanto brilho e fama, disse-me ele de Catarinenses que se tinham interessado pela história de Angola. Por meu lado, lamentei, na conversa, que, nos tempos em que estávamos, embora se tivessem feito excelentes trabalhos sobre o Africano no Brasil, se soubesse tão pouco do que fôra África antes e depois da chegada dos Portugueses, e, sobretudo, do que era a África nossa contemporânea e do que poderia ser ela no futuro, já que era a vizinha de frente do Brasil e talvez se tornasse, por conhecimento e cooperação a estabelecer, a sua óptima companheira para todo o Atlântico Sul. Pouco depois, talvez já princípios de 59, chegou a Florianópolis, a velha e, simultaneamente, adolescente Nossa Senhora do Desterro, e com o propósito de visitar Eudoro de Sousa, então encarregado do sector de Língua e Cultura Grega, o grande Eduardo Lourenço que, na Federal da Baía, ensinava Filosofia e, principalmente, filosofava e escrevia de crítica com todo o saber, toda a argúcia e toda a criatividade que se lhe conhecem. Tais elogios houve à imaginação, à iniciativa e à habilidade, digamos política, do Reitor Edgar Santos, que já fora Ministro da Educação, que me veio a ideia de lhe pedir que perguntasse, de volta a Salvador, se estaria ele disposto a estudar o criar-se na sua Universidade um Centro de Estudos Africanos, que seria o primeiro da América do Sul; e das outras até ao México. Assim o fez, mas, ao que parece, não deu o Reitor, bem ocupado com outros serviços, bastante atenção ao que se lhe propunha, fixando, porém, que havia no Sul um professor português com todo o interesse em conhecer a cidade. Generosamente veio a passagem com o convite para estar uns dias pela Bahia. Recebeu-me Edgar Santos na sua sala de trabalho em que havia a um canto a secretária de despacho e a cuja volta se enfileiravam, bem sentadas e bem tratadas de sorvete e café, todas as pessoas que precisavam de lhe falar. A intervalos se levantava o Reitor e se detinha diante de um e doutro que, se então necessário, à escrivanhinha levava para o mais recatado encontro. Quando lhe agradezi a viagem, disse-me, amavelmente, que bem a merecia eu, mas quando lhe perguntei o que pensava da ideia do Centro, hesitou um pouco, como quem nada decidira, e sugeriu-me que esperasse uns dias, que foram do melhor que me podia ter dado, porque estava no mesmo hotel Casais Monteiro, o velho Amigo da Faculdade do Porto. Quando voltei à fala, disse-me Edgar que sim e perguntou-me se não podia ser o Centro não só de Estudos Africanos mas também de Estudos Orientais. Sabendo de Oriente ainda menos do que sabia de África, não hesitei, no entanto, em aceitar a proposta, pois que entrava eu em tal não para ensinar, mas para que outros aprendessem o que ignorava o proponente; e tudo se pode fazer com alguma ousadia, paciência, bom senso e adequada altura dos tempos. Ignorava eu então o que se passara entre a ida de Eduardo Lourenço a Santa Catarina e a minha

chegada à Bahia: viera a Salvador Roberto de Assunção, na altura Embaixador do Brasil junto da Unesco, já que estava o organismo interessado em difundir para o geral o conhecimento do Oriente e pensara-se que seria a Universidade um bom veículo quanto ao Brasil, como se já se entendesse o que poderia resultar do contacto entre a nação americana de língua portuguesa e culturas como a da China ou do Japão, isto para não falar dos pontos-base de Macau e Timor; tudo de mais válido futuro do que o daquilo de que tanto se falava a respeito das ligações entre o hemisfério do Norte e o do Sul. O nosso Reitor, que profissionalmente, viera da Medicina e não se achava bastante preparado para uma resposta pronta, viu logo a solução que podia haver quando me ouviu propor-lhe Estudos Africanos; afinal, tudo se conjugara, havendo para o Embaixador e para mim, por justaposição, respostas positivas. Ficou então assente que solicitaria eu licença em Santa Catarina, tanto na Faculdade de Filosofia como na Direcção Geral de Cultura da Secretaria de Educação do Estado, de que me tinham dado o encargo e que ficaria na Bahia como instalador e director do Centro, em trabalho que abarcasse África e Oriente, com a recomendação de que, não parecendo haver do Conselho Universitário gran-



CAVES DA

Montanha

A. HENRIQUES, L^{da}

SEDE EM: ANADIA — PORTUGAL

Teleg.: Montanha
Telefs 52260 e 52611
Telex 53081
Apartado 18
3781 ANADIA CODEX



«A. HENRIQUES» — O REI DOS ESPUMANTES

7 CONCURSOS DA J. N. V. = 7 MEDALHAS DE OURO |
CONCURSO DE BUCARESTE = 1 MEDALHA DE OURO |
CONCURSO DE BRATISLAVA (1971) = 1 MEDALHA «OR» |
Concurso de Bratislava (1975) = 1 MEDALHA «GRAND OR» |
CONCURSO DE MILAO (1976) = 2 MEDALHAS DE OURO |



Espumantes Naturais - Vinhos do Porto - Licores Superfinos
Brandies - Aperitivos - Vinhos de Mesa

de interesse pelo Centro, não sáisse muito do subterrâneo em que ele funcionaria e recebesse vencimentos, não pelo cargo mas por cadeira que pudesse ensinar; como não havia nenhuma adequada, propuz eu e o aceitaram o Reitor e a Escola de Teatro, recentemente fundada, que nela se introduzisse o que iria inventando e que se chamaria Filosofia do dito Teatro. Assim se fez, nada ensinando eu de África porque a não sabia nem convinha inventá-la, mas começando pela biblioteca, organizando exposições, por exemplo a de arte do Japão, e oferecendo bolsas a quem estivesse disposto a ir a África para África aprender. O primeiro a obter uma, e com todo o interesse de Pierre Verger, ele bom conhecedor do Oriente Africano, foi o Dr. Vivaldo Costa Lima, que desistira do seu consultório médico, comigo se encontrara, numa noite de culto, no condómió de Olga Alaketu, e que voltou perito em África que, com tanta profundidade, tão compreensiva disposição humana, tanto talento, estudou no Benim, na Nigéria, no Gana; depois houve a viagem dos Profs. Yeda e Guilherme de Sousa Castro que, por circunstâncias de política brasileira, tão difíceis momentos corajosamente afrontaram nos lugares de trabalho; por fim, com os mesmos resultados, a ida do Prof. Júlio Santana. E, no próprio Centro, se abriram, com professores dos Países das Línguas, cursos de Yorubá, o que franqueou a Universidade aos africanos, quase todos bem humildes, de Salvador, de Hebreu e de Árabe, se preparando as bases para que houvesse o de Japonês. Tudo foi correndo sem qualquer esforço especial da minha parte: era só como que deixar que a Vida viesse e estabelecesse o que desejava. Por esta altura, já de 60 para 61, houve as eleições para a Presidência da República, as últimas que se fizeram em plena liberdade até à recente de 89, sendo um dos candidatos Jânio Quadros, mas tendo eu votado pelo outro, Teixeira Lott, por me parecer que, com ele, iria o Brasil por mais tranquilos caminhos de paz interna. Quem, porém, foi eleito, com absoluta e impressionante maioria foi Jânio, e logo disse ao Reitor da conveniência que haveria em contactar o Presidente e lhe falar do trabalho do Centro. Estou, no entanto, em crer que o Reitor também votara pelo vencido, o que afinal haveria de lhe custar o cargo, e não houve da sua parte nenhum interesse pela proposta. Tomei então a liberdade de telegrafar para o Palácio do Planalto, logo que houve a posse, e pedir audiência, que me foi concedida e em que se teve perfeita e contínua colaboração durante os seis meses que durou a Presidência e em que se estabeleceu, pela abertura de Embaixadas em África, pelo Tratado com o Senegal que ajudei a redigir, e pela vinda, com bolsas, de estudantes africanos que frequentariam os cursos superiores que escolhessem e os completariam na Bahia, no Recife, no Rio ou em São Paulo com, logo no primeiro ano, cinquenta bolseiros, o início da colaboração que depois se foi firmando e ajudará, um dia, a que um conjunto jurídico dos países da língua comum contribua para maior humanização do resto do mundo. E em tudo isto, quero

repetir, andava eu mais como espectador do que como autor ou actor da peça; até com inesperadas companhias de autores e actores como, por exemplo, quando veio fixar-se em Salvador, com um excelente grupo de americanos, o Professor Machado da Rosa, então, ao que creio, ainda no Wisconsin. Um belo dia passou o Centro de seu subterrâneo para um palacete em que ainda hoje funciona sob a direcção de Yeda Castro, porquanto, solidário com o Reitor, que não foi reeleito, passei eu a Santa Catarina, ao Rio, na Direcção Geral de Ensino Superior e, por fim, a Brasília, a ajudar na Universidade que, com Dercy Ribeiro e Ciro dos Anjos, fundara Juscelino Kubitchek. Poderia eu agora dizer que tudo resultou de coincidências e acaso, que são as palavras com que mascaramos nossa ignorância da fundamental mecânica ou criatividade do Universo, situação esta em que, por não haver matemática que nos ajude, mais valerá talvez boiar do que nadar, desde que ponhamos a nossa disciplinada atenção nos recortes da costa, no ritmo das marés, no rumo dos ventos.

♦♦

E, para que possais meditar nisto, se não escreve mais nada.

Janeiro de 1991

George Agostinho



O Prof. Adriano Moreira e o Prof. Agostinho da Silva, de quem publicamos um ensaio sobre o Brasil, reflexões autobiográficas, e mensagem ao Pe. António Vieira

s sobre a Comunidade Lus

conceito dos povos proletários, dos povos oprimidos, dos povos colonizados, e sempre a manutenção da perspectiva do conflito em todo o norte do mundo e às antigas metrópoles, a qual tem igual utilidade para compreender o contencioso passivo existente em relação aos outros continentes.

Nesta contabilidade do passivo talvez convém começar por salientar que as históricas relações privilegiadas entre antigas metrópoles europeias do continente americano foram refezidas pelo facto de que a Europa há muito deixou de representar o único grupo de potências intercontinentais na área.

A política de reserva do continente pelos Estados Unidos recebeu novas formulações neste meio século que finda, quer na Centro-América, quer também nos países do Sul: o plano Brady para a vida esmagadora do continente, e as iniciativas políticas de Bush no sentido de criar um novo estilo de «partnership», designadamente no caso do Panamá e do general Noriega, mostram a permanente concorrência do principal parceiro europeu da NATO.

Por outro lado, quando a Perestroika ainda parecia assegurar um reformismo sem sobresaltos, a visita de Chevardnaze ao Brasil, ao México e à Argentina em 1987 mostrou que a área lhe interessava.

Assim como o Japão, de tempos a tempos, procura a sua ajuda económica e financeira aos Estados Unidos da região.

Ao mesmo tempo que estas iniciativas, as mudanças tornam duvidosa a actualidade do conceito de povos dispensáveis de Leão, fragilizam as relações privilegiadas, é certo que se identificam muitas incertezas europeias sobre o futuro do relacionamento com a América Latina.

Lembre-se que, depois da II Guerra Mundial, a Argentina funcionou como o caçoteiro da Europa, mas hoje a política agrícola comum apresenta um muro a esse comércio. Casos como o da guerra das Malvinas espalham o convencimento de que os sul-americanos não são considerados pelos europeus como pertencentes à sua família.

A percepção é a de que a CEE, e a perspectiva unitária do Acto Único, são embaraços ao desenvolvimento das relações: os países dessa área efectuem 25 % do seu comércio com a CEE, mas esta não realiza com eles mais de 10 % do seu.

Existem, porém, variáveis políticas e culturais que são favoráveis à aproximação, e talvez o facto seja o de esses factores serem contra-

riados por circunstâncias económicas e estratégicas exteriores mas dominantes.

Em primeiro lugar, aquilo que na vasta área é visto como um fracasso da política imperialista do «grande vizinho» do Norte, incapaz de introduzir no continente a ordem pela qual se declarou espontaneamente responsável com a doutrina do «big stick».

Os cinco países signatários do Acordo de Esquipolas II, em Agosto de 1981, procuram sair da desordem da América Central pedindo o apoio europeu.

A partir de então, os encontros da CEE-América Central tiveram resultados como o da criação de um Parlamento Inter-Americano com a pretensão de copiar o Parlamento Europeu. A intervenção da Europa na regulamentação da dívida da região tornou-se importante, os encontros bilaterais são numerosos, o convívio tende a fortalecer-se.

Os observadores acrescentam a mudança qualitativa que resultou do esgotamento do franquismo, e do reencontro dos modelos políticos entre Portugal e Brasil. Tudo permitiria um reforço das convergências no sentido de enfrentar o chamado «paradigma dos 4 D»: Democracia, Desenvolvimento, Dívida, Droga.

No que toca agora à reflexão sobre a comunidade luso-brasileira, o primeiro ponto diz respeito às referências globalistas, e aqui a primeira evidência é da coincidência dos federadores — os EUA — a Europa institucionalizada.

Acontece que Portugal está inserido na definição formal dos grandes espaços do Atlântico (NATO) e da Europa (CEE), das quais o Brasil é apenas interlocutor bilateral, directamente com os conjuntos, mas em concorrência com os objectivos dessas organizações.

Não podem referenciar-se grandes conflitos em que os interesses envolvidos tenham sido contraditórios, mas é certo que aqui se encontra um primeiro elemento de erosão das relações privilegiadas, tal como aconteceu com a relação da Espanha com os países da hispanidade, e com a relação da Inglaterra com o Sul do continente, esta criada pela intervenção britânica proeminente desde as independências liberais até ao princípio deste século. O conflito das Malvinas serve de paradigma no sentido de entender como é que as vinculações a organizações colectivas, como a NATO, podem reflectir-se na consistência das referidas relações privilegiadas.

No passado incerto do conflito bipolar que viu nascer a NATO e o Pacto de Varsóvia,

quando a soberania portuguesa ainda não era reconhecida no continente africano, a conclusão é que não pode haver segurança do Atlântico sem a garantia de segurança no Atlântico Sul. Nós a defender o conceito do OCEANO ATLÂNTICO para organizar a liderança na tarefa de organizar o espaço marítimo que tinha a África do Sul e do outro o Brasil, sem esquecer as outras áreas de expressão portuguesa.

A mudança da estrutura política após o 25 de Abril, não eliminou as questões económicas, nem a questão da soberania podem separar-se os problemas do Norte e do Sul do Atlântico, uma nova problemática de cooperação e soberanias.

A complexidade resultante do número de intervenientes parece ser resolvida pelo pacifismo dos estatutos e pelo clima novo estabelecido após as eleições de 1989.

Parece evidente que a integração portuguesa tem a sua relação privilegiada com o Brasil condicionada pela pertença às organizações atlântica e europeia, além dela virão certamente outros factores.

A cooperação entre as nossas instituições de formação de quadros, e de investigação na área da segurança, talvez deva ser vista em vista da importância desse tema cuja história largamente se conhece.

Um futuro comum, assente nos mesmos federadores, tem implicações traduzidas em iniciativas.

Lembre-se, designadamente a iniciativa chamada «Europa 92» destinada a promover os estudos europeus nas grandes universidades, e a facilitar a corrente de demanda de centros universitários.

Mencionem-se igualmente a literatura latino-americana e do século XX, que têm produzido edições da responsabilidade conjunta, Brasil, Colômbia, Espanha, México e Portugal.

Tudo significa que a relação entre a Europa e a América Latina parece a caminho de se estabelecer a paz —, e que problemas de dívida, do ambiente, do mar, e culturais, da preparação científica aproximam do que separam, inexistência do conceito de povos diferentes.

Em todos os domínios, por isso, a importância das relações privilegiadas

Comunidade Luso-Brasileira

económicas e estratégicas.

o que na vasta área da política imperial do Norte, incapaz de ordem pela qual se responsável com a

utários do Acordo de 1981, procuram América Central pedindo

encontros da CEE- resultados com o da to Centro-Americano r o Parlamento Euro- opa na regu'amenta- tornou-se importante, o numerosos, o con-

scentam a mudança do esgotamento do ro dos modelos poli- asil. Tudo permitiria ncias no sentido de paradigma dos 4 D»: ento, Dívida, Droga.

flexão sobre a comu- primeiro ponto diz alistas, e aqui a pri- cidência dos federa- a institucionalizada.

esta inserido na de- espaços do Atlântico, das quais o Brasil teral, directamente n concorrência com izações.

se grandes conflitos olvidos tenham sido que aqui se encon- erosão das relações teceu com a relação a hispanidade, e com o Sul do continente, o britânica proem- cias liberais até ao conflito das Malvinas entido de entender es a organizações podem reflectir-se as re'ações privile-

conflito bipolar que Pacto de Varsóvia,

quando a soberania portuguesa ainda se exercia no continente africano, a conclusão de que não pode haver segurança do Atlântico Norte sem garantia de segurança no Atlântico Sul, levou-nos a defender o conceito do Oceano Moreno, para organizar a liderança na tarefa de organizar o espaço marítimo que tinha de um lado Angola e do outro o Brasil, semeado ainda de outras áreas de expressão portuguesa.

A mudança da estrutura política da área, depois do 25 de Abril, não eliminou os interesses económicos, nem a questão de saber se podem separar-se os problemas de segurança do Norte e do Sul do Atlântico, mas definiu uma nova problemática de coordenação das soberanias.

A complexidade resultante do aumento do número de intervenientes parece bem compensada pelo pacifismo dos estatutos soberanos, e pelo clima novo estabelecido pelas revoluções de 1989.

Parece evidente que a intervenção portuguesa tem a sua relação privilegiada com o Brasil condicionada pela pertença institucional às organizações atlântica e europeia, mas também dela virão certamente benefícios para o todo.

A cooperação entre as nossas instituições de formação de quadros, e de investigação, na área da segurança, talvez deva ser fortalecida em vista da importância desse Oceano Moreno cuja história largamente se confunde com a nossa.

Um futuro comum, assente nesta vinculação aos mesmos federadores, tem outras manifestações traduzidas em iniciativas importantes.

Lembre-se, designadamente, a operação chamada «Europa 92» destinada a criar círculos europeus nas grandes cidades sul-americanas, e a facilitar a corrente de bolseiros em demanda de centros universitários europeus.

Mencionem-se igualmente os «Arquivos da literatura latino-americana e das Caraíbas do século XX», que têm produzido importantes edições da responsabilidade comum da Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, França, Itália, México e Portugal.

Tudo significa que a relação Europa-América Latina parece a caminho de se fortalecer — reposta a paz —, e que problemas como o da dívida, do ambiente, do mar, das trocas culturais, da preparação científica e técnica, mais aproximam do que separam, infirmando a aplicação do conceito de povos dispensáveis.

Em todos os domínios, porém, a perspectiva das relações privilegiadas sofre o mesmo

condicionamento, mas tem a probabilidade de eventualmente beneficiar o conjunto dos Estados.

Algumas ambições enunciadas no modelo das relações privilegiadas, como o da dupla nacionalidade, por exemplo, ficam submetidas a um condicionalismo redutor evidente. A Espanha, sempre agressiva e dinâmica na aplicação do conceito da hispanidade, teve de moderar a política de oferecer a nacionalidade a todos os naturais do seu antigo império, porque a harmonização da legislação dos Estados comunitários é um dado novo.

O Tratado de Igualdade de Direitos, que deu carácter à última fase da vigência da Constituição Portuguesa de 1933, e que o imaginário popular chama de dupla nacionalidade, perdeu, pelas mesmas razões, este objectivo ideológico que não escondia. Algumas dificuldades actuais entre ambos os Estados, relacionadas com o livre exercício da profissão por diplomados em universidades da área, resultam da mudança das circunstâncias intervencionais.

Quando, depois da Revolução Portuguesa de 1974, muitas centenas de diplomados universitários portugueses chegaram ao Brasil em busca de abrigo e trabalho, as dificuldades externas eram menores, o sentido da migração era diferente, o compromisso português comunitário não existia. Mudam os tempos, não parecem ter mudado as vontades, mas as circunstâncias são outras, e a relação privilegiada sofre o condicionamento da mudança.

Por isso exigem prudência os voluntarismos inspirados na tradição nascida e desenvolvida em diferentes contextos. O primeiro cuidado, porém, deve ser examinar o estado das relações privilegiadas na data em que a mudança se consumou.

A primeira nota que me ocorre diz respeito à avaliação histórica e ideológica do longo período de séculos em que existiu a unidade política entre Portugal e o Brasil.

Os anos finais, tributários da convulsão napoleónica, viram o Rio de Janeiro a funcionar como capital do Império, e esta metrópole lisboeta a tecer, por conta própria, algumas das queixas específicas das áreas coloniais contra os governos distantes. Por isso não é excessivo entender que o liberalismo tornou Portugal independente do encargo do Brasil, não foi o Brasil que deu um carácter anticolonialista ao corte político, antes procurou não descair do estatuto de Reino, com o Rei presente, que tinha alcançado.

(Continua na pág. 10)

Reflexões sobre a Comunidade Luso-Brasileira

(Continuação da pág. anterior)

A ausência de conflito entre os territórios separados, abstraindo do posterior conflito ideológico e militar português sem relevância para o nosso tema, notou-se no pacifismo com que D. Pedro, já Imperador do Brasil, foi chamado à Coroa de Portugal, na rapidez com que outorgou a Carta Constitucional e providenciou sobre o futuro da monarquia portuguesa.

A guerra do regime, em que D. Pedro viria a intervir contra o mano Miguel, não implicou nenhum revisionismo da história comum até aos movimentos anticolonialistas do nosso século.

Então, homens como José Honório Rodrigues, ou Darcy Ribeiro, seguidos de outros, e chefiando uma escola crítica, puseram em acusa a relação passada, responsabilizando Portugal expressamente pelo atraso do Brasil, quer técnico quer científico e cultural, e estendendo apressadamente a mão aos movimentos anticolonialistas da África então portuguesa, saltaram por cima do tempo e das circunstâncias.

É preocupante que as vicissitudes críticas do Brasil de hoje possam ajudar a implantar essa visão desculpabilizante de forças e de estruturas internas vigentes, ainda que a imagem da Revolução do 25 de Abril funcione como moderadora do intento.

Neste comentário não temos possibilidade de aprofundar efeitos da nova perspectiva, mas é necessário a anotação e a referência.

Da longa relação com o Brasil recolho um juízo sobre o caso da chamada colónia portuguesa. Tendo o seu núcleo fundador nos residentes que não quiseram abandonar a nacionalidade portuguesa na data da independência, criou uma identidade com várias expressões inconfundíveis: a defesa da matriz cultural, teve expressão nos Reais Gabinetes de Leitura; a defesa da instrução, em instituições como o Liceu Literário Português; a defesa contra as carências, nas beneficências e nos asilos.

Nisto não teve intervenção o Governo português, mas foi sempre em Portugal que os responsáveis pelas iniciativas mais procuraram o reconhecimento nobilitante da devoção cívica, e aqui teve origem a teoria dos comendadores tantas vezes mal apreciada pelos mesmos portugueses.

Merece estudo a questão de saber porque é que a imagem recíproca do brasileiro em Portugal, e do português no Brasil, fixou tantos elementos negativos e ajudou a falsear o julgamento recíproco sobre o desenvolvimento de cada um dos povos.

Todavia, a corrente migratória que renovava a colónia até ao Governo de Getúlio Vargas, assente no método da chamada dos familiares, contribuiu decisivamente, durante um século, para a estabilidade da moeda portuguesa, em vista das remessas.

A tese universitária do jovem Doutor Oliveira Salazar põe esse facto em relevo, e foram as medidas restritivas das remessas para o exterior que progres-

sivamente debilitaram a corrente migratória, mais tarde, sobretudo na década de sessenta, dirigida para os mercados europeus.

Esta circunstância parece muito de considerar no contexto da relação da América Latina com a Europa, particularmente do Brasil com Portugal, porque se reflecte na variável do multiculturalismo sul-americano.

Para a minha geração e formação, aqui tem de ser lembrado Gilberto Freyre e a sua doutrinação original, que fez carreira, sobre o lusotropicalismo.

Continua a ser exacto que Portugal e Brasil partilhem uma herança cultural comum, incluindo o passado histórico secular de unidade política, mas a herança portuguesa do Brasil é apenas parte do acervo cultural geral que este integrou: além das heranças ameríndia e negra, mencionem-se as parcelas italiana, alemã, japonesa, que subiram todas as escalas da sociedade aberta e hoje aparecem representadas em todos os órgãos da soberania brasileira e nas hierarquias da sociedade civil.

A identidade brasileira e a unidade do que Gilberto Freyre chamou — Brasil, Brasis, Brasília —, tem matriz essencialmente portuguesa, com a língua a ser fiadora das fronteiras, com a religião a dar forma à cultura, com a vivência da unidade política do império a dar força à unidade política da república federativa.

Mas a competição diversificou-se, e a presença e manutenção de laços entre as instituições universitárias, científicas, culturais, tornou-se extremamente exigente.

Para desenvolver o esforço competitivo necessário concorre o facto de parecer conseqüente o interesse brasileiro de reforçar a sua identidade com as conexões portuguesas, e o interesse português de reconstruir uma nova forma de convívio sobre a vasta área territorial e humana onde exerceu a soberania, porque ruiu o sistema político, mas não desapareceram a história, a língua e os interesses sobreviventes que devem inspirar um diferente projecto comum.

Nas últimas décadas tornou-se rotina a afirmação, por cada novo responsável político, em cada uma das visitas de Estado com que se inicia no ritual da comunidade luso-brasileira, de que finalmente vai acabar a retórica, para iniciar um capítulo de prósperas realizações.

De facto, nada apareceu que seja de longe comparável aos feitos da sociedade civil, à margem dos governos, até que as circunstâncias levantaram os obstáculos referidos e que tiveram a sua expressão mais significativa no regime das remessas e na quebra do movimento migratório.

De positivo e sólido ficou a depreciada antiga retórica, na vasta medida em que diz respeito à história comum, ao património cultural comum, à língua, à capacidade de manter vivo o diálogo científico.

Foi essa variável, deixada quase exclusivamente

VIDA DO INSTITUTO

1. Colóquio comemorativo do Centenário da «Rerum Novarum»

A um século de distância da publicação da Encíclica «RERUM NOVARUM» de Leão XIII (15 de Maio de 1891), assistimos a um acto de justiça que se está a fazer a esse documento como um ponto de referência a uma Igreja renovada, que se sente inserida nos problemas, que afectam a Comunidade humana, iluminando horizontes, abrindo caminhos e estimulando as inteligências dos melhores na procura de soluções, que dependem da aplicação de normas, que estão ao alcance do homem. O Papado desde essa data ao presente, esteve sempre actuante no mundo do seu tempo, analisando os problemas que mais têm preocupado a humanidade e infundindo esperança, que é possível encontrar soluções à luz do Evangelho.

Façamos um rápido itinerário lembrando a Quadragésimo Anno de Pio XI (1931); a Mater et Magistra (1961) e a Pacem in Terris (1963) do Papa João XXIII; a Populorum Progressio (1967) e a Octogésima Adveniens (1971) de Paulo VI; a Laborem Exercens (1981), a Sollicitudo Rei Socialis (1987) e, por fim, a Centésimo Anno (1991) do Papa João Paulo II.

Estes nove documentos constituem um legado de ensinamentos, que provam não apenas a solicitude da Igreja em relação aos problemas do nosso tempo, mas também um conhecimento profundo dos grandes problemas, que têm atormentado a Comunidade humana nestes 100 anos.

Hoje, ninguém ignora a importância desta documentação em relação à implantação da paz, alicerçada na prática da justiça social.

É manifesta a influência que esses ensinamentos tiveram no desenrolar das diferentes correntes do pensamento social, na legislação de muitos povos, principalmente naqueles, onde o pensamento cristão constitui a base sólida da mesma sociedade e principalmente na criação, manutenção e desenvolvimento de muitas obras, que são o reflexo da preocupação de muitos cristãos em relação à solução dos problemas sociais do mundo em que vivemos.

O Instituto D. João de Castro desejou, também, participar na celebração deste «Centenário», através dum estudo mais aprofundado desse conjunto de documentação doutrinária e da ressonância que teve na nossa sociedade portuguesa.

O Colóquio realizou-se no anfiteatro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

O Programa desenrolou-se na tarde de 22 e na manhã de 23 de Novembro, com assistência de uns 80 participantes.

Na manhã de sábado tivemos na mesa da presidência o Senhor Subsecretário de Estado do Património Cultural, Prof. Dr. Sousa Lara.

Dia 22 de Novembro — Sexta-feira, às 17.30:

— Abertura e apresentação do Colóquio — Prof. Doutor Adriano Moreira.

— Exposição — Resumo da Doutrina Social da Igreja — Prof. Dr. Mário Bigote Chorão.

— As Doutrinas da «RERUM NOVARUM» no contexto da doutrina Católica da República Christiana — Dr. Henrique Barrilaro Ruas.

— As Doutrinas da «RERUM NOVARUM» perante as doutrinas sociais e económicas na Europa da segunda metade do século XIX — Prof. Dr. César de Oliveira.

— A «RERUM NOVARUM» e suas incidências no mundo do trabalho — Dr. António Maria Machado Pinheiro Torres.

Dia 23 de Novembro — Sábado, às 9.30 horas:

Abertura — Pe. Joaquim António de Aguiar.

— A Sociedade Portuguesa à data da publicação da «RERUM NOVARUM» — Pe. Prof. Dr. Manuel Macário Clemente da U.C.P.

— Intervenção do poder local de Lisboa no actual contexto social — Dr. José Luís Seixas, Vereador do Pelouro da Acção Social.

GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



gertal

Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária do bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma seleção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em numerosas instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma refeição elaborada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

— Influências das doutrinas da «RERUM NOVARUM» em Portugal até à idade de ouro do Estado Novo (1945) — Dr. Jaime Nogueira Pinto.

— As influências das doutrinas sociais — Cristãos no pós-guerra (1945) — Prof. Dr. José Adelino Maltez.

— «O meu reino é deste mundo» — Prof. Dr. António Marques Bessa.

Seguiu-se um debate em que participaram vários assistentes.

O Presidente da Direcção do Instituto encerrou o Colóquio agradecendo a todos a participação dada e, muito especialmente, aos que apresentaram as diversas Comunicações.

Seguiu-se o almoço na Cooperativa Militar, continuando assim o convívio entre os participantes.

2. Colóquio comemorativo dos 450 anos do embarque de S. Francisco Xavier para o Oriente

A pedido da Comissão Diocesana de Setúbal dos «5 Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas» e com a colaboração da Diocese e Câmara Municipal de Setúbal realizámos, no dia 14 de Dezembro, o 2.º Colóquio-Debate do c. ano cultural e este, no contexto das Comemorações dos 5 Séculos dos Descobrimentos Portugueses e dos 450 anos da partida de S. Francisco Xavier para o Oriente com mais 2 jesuítas: Francisco Mansilha e Paulo Camarta.

Não foi intenção deste Colóquio tratar expressamente da figura ímpar, que foi Francisco Xavier como Missionário, introduzindo uma nova metodologia missionária baseada na preparação de catequistas locais para eles,

conhecedores do idioma, costumes e cultura locais, serem os instrumentos directos na evangelização de seus companheiros. Também não se pretendeu fazer uma avaliação do trabalho realizado pela Companhia de Jesus, especialmente na China e no Japão, tendo como seu quartel-general Macau.

Pretendeu-se assim dar conhecimento do encontro do Cristianismo com as religiões orientais e das dificuldades que surgiram para a sua implantação nesse longínquo Oriente.

Pretendeu-se ainda, destacar a importância que teve para Portugal e Europa, a Rota do Oriente nas áreas Cultural, Comercial, Social e Política.

Apresentaram-se 2 Comunicações: «O Diálogo entre o Cristianismo e as Religiões não Cristãs», pelo Pe. Prof. Doutor José de Freitas Ferreira, professor de Teologia da U.C.P., e «Rotas do Oriente», pelo Presidente da Direcção do Instituto D. João de Castro, Pe. Joaquim António de Aguiar.

As duas Comunicações foram ilustradas com a passagem dum audiovisual — «Imagens do Oriente», reprodução do Códice Casatenense.

O Colóquio foi aberto pelo Prof. Adriano Moreira e encerrado pelo Senhor Bispo de Setúbal, D. Manuel Martins, com a presença do Senhor Dr. Mata Cáceres — Presidente da Câmara Municipal de Setúbal e do Prof. Dr. Luís Graça, Governador Civil do Distrito.

O Colóquio foi realizado no salão nobre da Câmara Municipal, tendo uns 85 participantes.

A edilidade setubalense ofereceu aos participantes o jantar num restaurante da cidade, que proporcionou um óptimo convívio nestas vésperas de Natal.

INSTITUTO D. JOAO DE CASTRO

boletim informativo trimestral

N.º de Registo 112 874

● Direcção

António Maria M. Pinheiro Torres
(Secretário-geral do IDJC)

● Redacção

Sede do Instituto
R. da Madalena, 225 - 3.º Dto.
1100 LISBOA
Telef. 86 01 25

● Propriedade

Instituto Dom João de Castro
N.º 212 873

● Difusão

Pedidos à Redacção

Comp. e imp. na Misalgráficas - Coop. de Artes Gráficas, CRL
Rua da Alegria, 30 — Telef. 346 47 29 — 1300 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 702/87

Reflexões sobre a Comunidade Luso-Brasileira

(Continuação da pág. 10)

a cargo do diálogo não governamental, que teceu primeiro a aproximação entre os grandes espaços europeus, atlântico e sul-americano, dentro do grande processo em curso de repensar a Nova Ordem.

Sobre esta, as recentes declarações de Bush foram cautelosas, indicativas, e tão incertas que de novo regressamos ao uso do latim.

É esperançoso que a crítica por vezes dirigida aos sul-americanos, no sentido de que se americanizaram superficialmente, tenha contrapartida no facto reconhecido de que os EUA se latinoamericanizaram, e também se europeizaram nas responsabilidades, na experiência comum, na interdependência.

Justamente aquilo a que os tecnocratas chamam retórica é que teceu as malhas culturais em que se apoia a nova esperança.

Nesse tecido, o sincretismo lusotropical, a herança cultural comum, a língua geral, a solidariedade luso-brasileira, representam uma sólida contribuição para responder ao desafio de uma nova ordem, a respeito da qual a única notícia segura é que desapareceu a antiga.

ANGOLA: cinco séculos de cristianismo

(Continuação da pág. 3)

justiça, paz e defesa dos direitos humanos, em simultâneo com a procura da reconciliação nacional: «A reconstrução nacional é o nome novo da paz», repetia-se nos bastidores do Simpósio.

Em resumo, na linha da encíclica recente «A Missão do Redentor», toda a metodologia africana nesta parte do mundo deve nortear-se por três vectores: inculturação da mensagem evangélica às condições específicas de Angola, diálogo inter-cultural e inter-religioso; uma evangelização que englobe o desenvolvimento humano.

O Futuro

As solenes comemorações não acabam aqui. Com a vinda do Papa a Angola, esperada para a primeira quinzena de Junho, as celebrações atingirão o seu ponto mais alto.

De sublinhar o contributo dos leigos em todas as celebrações através duma disponibilidade que foi realçada pelo presidente coordenador das celebrações, D. Zacarias Camwenho, em conversa connosco. No entanto, em jeito

de avaliação global, pensamos que o seu papel devia ter sido mais empenhativo a nível da discussão e programação e não limitá-los apenas ao plano executivo.

Finalmente, como observador que vem de Portugal, apraz-me notar que a Igreja de Angola não caiu na tentação de fechar-se sobre si própria ou apresentar os outros como álibi para as suas próprias limitações ou erros. É sintomático, neste sentido, a peregrinação às origens da evangelização — Portugal — dentro do programa oficial das comemorações, e o convite ao Cardeal-Patriarca de Lisboa para representar o Papa, sinal de que passado o período crítico da descolonização, há laços afectivos entre as duas Igrejas e até entre os dois povos que permanecem e se consolidam cada vez mais.

Para além duma língua comum, há o cristianismo como factor adicional de ligação e comunhão, e estas são componentes que reforçam a amizade e fraternidade, como pude constatar nos inúmeros contactos mantidos tanto com membros da Igreja como com políticos de vários quadrantes. Isto comprova que os laços que unem os dois povos, não são mero *slogan*.

Sem paternalismos, complexos de superioridade, preconceitos étnicos, portugueses e angolanos podem enriquecer-se mutuamente a todos os níveis... Neste sentido, com um pouco de imaginação e diplomacia, Portugal pode conjugar as duas vertentes que só aparentemente são antagónicas: manter a vocação europeia e intensificar a cooperação com a África, num relacionamento aberto e fraterno com todos os países de expressão portuguesa, mas de modo especial com a «jóia da coroa» que é Angola.

António Oliveira

(¹) Em 29 de Março de 1491 desembarcava em Pinda, porto do rio do Padrão (Zaire), uma comitiva chefiada por Rui de Sousa, incluindo vários missionários, e, no dia 3 de Abril, foi baptizado o Mani-Soyo, um dos régulos do Reino do Congo, que receberia o nome de Manuel, lembrando o Duque de Beja, sendo também baptizado o seu filho mais novo, chamando-se António.

A comitiva dirigiu-se para a capital do reino, Banza-Congo, que seria baptizada com o nome de S. Salvador, onde chegou em fins de Abril.

No dia 3 de Maio seria baptizado solenemente o Nzinga-a-Nkuwu, Rei do Congo; em 4 de Julho seria baptizada a esposa e o filho mais velho recebendo os nomes de João, Leonor e Afonso em homenagem a D. João II, D. Leonor e Príncipe D. Afonso. (Nota da Redacção).



UMA FOLHINHA DE QUANDO EM QUANDO...

Poema do Luís ao Padre António

(Homenagem a um dos Mártires do Brasil)

*Eu bem te vi, Veira, ler meu livro
com devidos cuidados pois o canto
não agradava muito aos companheiros
que ainda aí contigo estão no céu,
aquele em que eu narrei como é que a deusa
inventou para os nautas que voltavam
das Índias descobertas ilha bela
onde podiam descansar os corpos
e libertar as almas da prisão
de quem cercado está de espaço e tempo.
Uma razão seria, não gostarem
da maneira por que eles se livravam
de todo o pesadelo que dá corpo
pois só assim podiam ouvir eles
a deusa que criava a própria vida,
e foi no fim o que ela encomendou,
que se dessem à vida criativa
quando ao seu Portugal regressassem.
E tu só alargaste este conselho,
que os gregos não seguiram, apesar
de toda a paciência que tiveram
com a filosofia ou os mistérios,
o de que só criando se livravam
de serem personagens de tragédia
ou de comédia, o que é mais que pior,
o de criarem vida, pois poetas
somos nós todos, quando à vida vimos.
Achaste ser pequena a deusa grega
para conselhos dar à forte gente
e lhe disseste que só Deus podia
vir lá do reino certo a nossas mentes,
desde que livres nós de nosso corpo
por outras formas que não são as minhas
mas para ti, António, só as justas,
para ti, padre, e para a Companhia.
Guerreiro e monge foste, pois, amigo,
eu marinheiro e monge, à minha moda,
sem negar-me a qualquer dos meus deveres
num e noutra sector, e bem cumpridos.
No campo que escolheste para seres
ou para o qual te escolheu teu Deus,
inteiro foste o que és, dever primeiro,
mesmo nas manhas de que rei sabia.*

*O teu renome durará que tempos,
o meu além do tempo alcançará.
E sabes tu porquê? Porque tu foste
sempre igual a ti próprio e nada mais
quando o Deus que eu aceito é sempre o mesmo
e sempre diferente do que julgam,
ninguém, por isso, pode defini-lo.
Se marinheiro viam no Luís,
era só monge o que ele estava sendo,
se monge me supunha, logo viam
como eu ia sair-lhes marinheiro.
Tu foste sempre igual e definido,
eu sempre desigual, indefinido,
e mais perto de Deus do que julgaste.*

George Agostinho

HOTEL ***
DIRECTOR
Vasco Filipe Perfeito *Regina*



TELEFS. 52303 - 52373 - 52393

TELEX: 17 118

2495 FÁTIMA (Portugal)

Atenção

Cheguei à ideia, erada ou certa, de que o comportamento futuro de Portugal dependerá, pelo menos em grande parte, do que for, no presente, meu próprio procedimento. Não hesiteis pois, em me corrigir sempre que o julgueis conveniente. Sem dó nem piedade.



Desafio

Creio que a Matemática atingirá a sua perfeição quando nos der a fórmula indiscutível do caos. Do caos criador.



Boletim Dom Dinis

Em Setembro, a 17, e nas instalações, em Lisboa, do Montepio Geral, com a generosa presença da sua Direcção, do Ministério da Educação e da Caixa Geral de Depósitos (Pensões e Reformas), se fixou o início do Fundo Dom Dinis, que por mim, gosto mais de chamar Fundo Comum de El-Rei Dom Dinis, o início de um depósito destinado a fornecer o estímulo que mais conveniente for considerado para que se desenvolvam estudos e experiên-

cias, do que foi ideologia e ideal do Povo Português no século XIII, com os seguintes pontos essenciais: um, a que podemos chamar religioso ou místico ou filosófico, em que haveria a procura de um fundamental do mundo que fosse, a um tempo, físico e metafísico, universal e particular, libertador e disciplinador; dois: que nenhuma criança fosse deformada pelas circunstâncias da vida, de modo a que nunca se perdesse a união sempre renovável do Poético do ser humano com a Poesia do Mundo, ou, mais largamente, do Universo, já que mundo é apenas o adjetivo que podemos e devemos contrapor a imundo; três: que por contínua preocupação do económico e vontade de que tal sector deixe de, em geral, estragar a vida de cada um e se transforme em simples memória do passado, acabemos um dia por eliminar a contradição de nascermos de graça e passarmos a vida a ganhá-la, ou, como acontece a tantos, a roubá-la a outros; quatro: que, por progressivo desaparecimento das causas do crime, se elimine o sistema de penalidades, entre as quais a cadeia. Parecendo a todos que tal se poderá atingir se sempre tivermos, simultaneamente, atenção objectiva, científica, matemática, ao presente, e imaginação à solta quanto ao futuro, se assinaram todos os documentos necessários e se anuncia que está o Fundo aberto a todos os que para ele possuem e queiram contribuir, sempre atento cada um deles aos resultados que se forem conseguindo. Sempre todos e espectadores, a navegarem com duas forças conjuntas, a do sentimento e a da razão, com duas sedes admissíveis: a do coração, que tem a mesma raiz etimológica de crença; e a do cérebro, que tem parecido boa habitação para a lógica. Reparando-se, no entanto, em que Logos também é admitido para significar o Verbo Divino, isto é, a expressão do que é, no fundamental do Universo e de sua Ausência, aquele sempre indefinível de que nós tiramos conforme o agrado ou desagrado de nosso paladar o que chamamos de lógico e de ilógico.



Para Virgílio. De Mateus-Maria

*Se é por destino que constante Eneias
vem de Tróia em ruínas à ruína
que um dia será Roma
porque é que Eneias elogia tu
quando é este Universo a maravilha
de dar este ou aquele herói ou santo
quando talvez no fundo um nada seja
o que por segurança nossa ou vossa
cremos nós ser tanto?*

George Agostinho
vosso irmão-servidor



Rua Rosa Araújo, 49-A — 1200 LISBOA
Telef. 527858 - 580382 — Telex 42754 Acpur P
Fax 540903

FILIAIS:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122
Telef. 691342 - 691359 — Telex 64888 Acpamo P
Lic. Op. Tur. DGT n.º 378
Fax 691442

Rua de Santa Catarina, 848/852 — 4000 PORTO
Telefs. 200 24 99 - 200 25 00
Telex 27133 Acpur P
Fax 200 25 02



O atendimento

mais acolhedor

o serviço mais eficiente



NATAL-91

Mensagem de Paz e Verdade

A Mensagem de Belém, anunciada aos homens pelos Anjos na Noite de Natal, quando Cristo nasceu — «Glória a Deus e Paz aos homens de boa vontade» tem sido repetida através dos tempos a todos os homens, nos diferentes contextos que têm vivido e não deixa de ser actual no contexto que agora vivemos.

A Mensagem não é apenas dirigida neste momento aos Cristãos, àqueles que acreditam num Cristo Deus, mas é universal para todos os homens, pois é condição indispensável para o homem se realizar na Comunidade social a que pertence através da participação no «Bem Comum».

O momento que vivemos nesta nossa Europa, nestes tempos de Natal de 1991, é altamente preocupante e grave, perante o que está acontecendo com o desaparecimento do bloco jugoslavo e com o esfacelamento do grande império constituído pelas repúblicas soviéticas, a URSS, surgindo uma série de repúblicas e pequenas nações, ignorando-se neste momento a constituição de novos agrupamentos, que daí possam surgir.

Estamos perante um fenómeno muito parecido com o que aconteceu no século V, quando foi caindo aos bocados o Império Romano, que se foi fraccionando e dando origem a diferentes nações e estados.

O crescimento dessa Europa de então levou séculos, surgindo de ruínas causadas por aqueles povos, que os romanos chamavam «Bárbaros», por não pertencerem ao mundo da romanização.

A estabilização de então custou muitas vidas, e as ruínas acumularam-se com os destroços causados pelas

guerras. Como agente de entendimento, concórdia e harmonia entre os diferentes grupos étnicos e culturais, apareceu a Igreja com o seu trabalho de pacificação, através do famoso «ora et labora», educando aqueles povos, levando-os pelo trabalho e pela fé a criarem a Europa das Pátrias.

Perante a experiência do passado, podemos pensar no papel que pode vir neste momento a Igreja nesta nova etapa, que Europa vai percorrer, após o que se está passando no mundo do Leste.

O cântico dos Anjos em Belém na noite do Nascimento de Cristo é um bom anúncio para este tempo de Natal e um bom convite para os europeus percorrerem, com os pastores, os caminhos que conduzem a Cristo, «Príncipe da Paz».

Oxalá que em todas as grandes catedrais que coroam as praças das nossas históricas cidades, como nas pequenas e humildes igrejas das nossas aldeias, ressoe a «Glória a Deus nas alturas e Paz a todos os homens» e que, no dizer de Isaías, as espadas, as lanças e os carros de guerra se convertam em arados, charruas e enxadas como símbolo do trabalho, que farão brotar da terra os saborosos frutos que encherão as mesas, onde todos se sentarão, convivendo em paz e harmonia fraternas.

Lisboa, 8/12/91

Pe. Joaquim António de Aguiar, C.M.F.



*Santo e Feliz Natal
a todos os nossos amigos e leitores
deseja a Direcção do Instituto
D. João de Castro.*